



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA

Cláudio Luís Damasceno Valente Júnior

Violência na escola:
A reprodução de uma sociedade violenta no ambiente escolar

Recife

2024

Cláudio Luís Damasceno Valente Júnior

Violência na escola:

A reprodução de uma sociedade violenta no ambiente escolar

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto à coordenação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: José Luiz de Amorim Ratton Júnior

Recife

2024

Valente Júnior, Cláudio Luís Damasceno.

Violência na escola: A reprodução de uma sociedade violenta no ambiente escolar / Cláudio Luís Damasceno Valente Júnior. - Recife, 2024.

38

Orientador(a): José Luiz de Amorim Ratton Júnior

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Violência Escolar. 2. Violência na escola. 3. Violência. I. Ratton Júnior, José Luiz de Amorim. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

Cláudio Luís Damasceno Valente Júnior

Violência na escola:

A reprodução de uma sociedade violenta no ambiente escolar

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto à coordenação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Aprovado em 31/01/2024

Banca Examinadora

Profa. Dra. José Luiz de Amorim Ratton Júnior (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Ricardo Caldas Cavalcanti Filho (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Barbara Sofia Feliz Duarte (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Agradecimentos

Ter chegado até esse momento foi uma grande vitória. Primeiramente gostaria de agradecer a Deus ou qualquer força que represente os bons caminhos, os livramentos e a fé inabalável em um mundo melhor.

Em segundo lugar, a minha família. Família que no meu caso não são inúmeras pessoas compondo; apenas duas. Minha mãe Katia Melo, que com muito amor e muitos gritos, me criou e educou para chegar aonde eu cheguei e tenho certeza que ainda vou chegar mais longe, carregando a garra dessa mulher implacável. E meu irmão Kayky Valente, uma criança extremamente carinhosa e sensível ao mundo. Muito me estressa, me atrapalha nos trabalhos acadêmicos, mas faz a alegria dos meus dias e me tira boas risadas. Amo muito os dois e espero que ambos se sintam inspirados com o caminho que estou trilhando.

Aos meus grandes amigos que desde o ensino médio e da decisão de cursar Ciências Sociais estão ao meu lado; Zé Vitor, Roberto Araújo, Manoel Neto. Vocês três são incríveis e extremamente fortes, continuam me inspirando a seguir em frente. Outros grandes amigos que tenho no meu bairro e que estão comigo no dia a dia; Ayrtton, Rogerio, Emerson, Denílson e tantos outros que compartilham comigo a experiência de viver no Ibura, lugar tão singular dentro das nossas realidades. Por fim, meus incontáveis amigos que fizeram dessa jornada no curso de Ciências Sociais possível; Bruno, Júlia, Joyce, Mariana, Judy, Poli, Gustavo, Lara, Itamá e muito outros, tenho certeza que essa graduação só foi menos tediosa pois tive vocês comigo. E por fim, mas não menos importante Ollivia que sempre acreditou em mim, me ajudando a chegar a lugares que nem eu mesmo acreditei um dia ser capaz, eu te amo e estou sempre por você minha amiga. A todos meus amigos que foram citados, mas também os que não foram, se sintam agradecidos por mim, principalmente por ter a coragem de lidar e estar comigo.

Também gostaria de agradecer ao PET Ciências Sociais na figura da Prof^ª Eliane da Fonte, que desempenhou seu papel de tutora de maneira excepcional, acreditando sempre na minha trajetória e em mim, além de animar as manhãs de terças e quintas com sua alegria. Agradecer também ao meu orientador Prof^º José Luiz Ratton por ter sido tão prestativo, dando o suporte necessário para que eu pudesse acreditar em mim e

na minha carreira. Tenho certeza que a indicação de orientação de Joyce foi certa e que sem você nada disso seria possível, muito obrigado Ratton.

Por último, gostaria de agradecer a mim, que não desisti nos incontáveis momentos de dificuldade, de dúvidas e de solidão. Tenho a certeza que estou construindo um caminho que me faça feliz, me ponha junto às pessoas que amo e que me proporcione desafios que com alegria e determinação possam ser superados. Sou fruto da resistência do cotidiano, do comum, da vida brasileira. Não ando só e quem me guarda não dorme.

Resumo

Os índices de violência escolar vêm crescendo exponencialmente nas sociedades, se tornando pauta nos principais debates e promoções de políticas públicas. Esta violência hoje ocupa diferentes espaços sociais, como a escola. Sendo assim, esta pesquisa tem o objetivo principal de analisar as tipificações de violência que acometem o ambiente escolar, a partir de uma revisão da literatura existente. Foi feito um apanhado de 73 artigos e 3 dissertações que trabalham a violência escolar, e a partir deles pode ser percebido as principais tipificações que são citadas ao se trabalhar o fenômeno, que passou a ser estrutural. Por fim, analisando a base de citações a partir do software Atlas TI, encontra-se algumas características específicas ao observar os dados trabalhados, como o grande índice de citações sobre o bullying, ou como a manifestações de violência está plenamente atrelado à falta de perspectiva social sobre a instituição escola. Construí este trabalho pensando na importância de “fazer existir” a violência no espaço escolar, para que após a construção de suas percepções, saídas assertivas sejam criadas.

Palavras-chave: Violência. Escola. Violência escolar. Violência na escola.

Abstract

The rates of school violence have been growing exponentially in societies, becoming a central topic in major debates and in the promotion of public policies. This violence now occupies various social spaces, such as schools. Therefore, this research aims primarily to analyze the typifications of violence that affect the school environment, based on a review of existing literature. A collection of 73 articles and 3 dissertations addressing school violence was compiled, and from them, the main typifications mentioned in the phenomenon, which has become structural, could be identified. Finally, by analyzing the citation base using the Atlas TI software, some specific characteristics can be observed in the data, such as the high rate of citations regarding bullying, or how manifestations of violence are closely linked to the lack of social perspective on the school institution. I constructed this work considering the importance of "bringing into existence" violence in the school environment, so that after the construction of perceptions, assertive solutions can be created.

Key words: Violence. School. School Violence. Violence at School.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipificações da violência escolar: artigos ----- 29

Gráfico 2 – Tipificações da violência escolar: Dissertações ----- 30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O SURGIMENTO DO OBJETO VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	18
3. REVISÃO DA LITERATURA.....	25
3.1 METODOLOGIA.....	25
3.2 OS TIPOS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Introdução

A violência é uma das expressões sociais mais antigas de todos os tempos. Desde quando o ser humano se manifestou como um ser cultural onde desenvolvia a capacidade de moldar e aperfeiçoar o espaço em seu entorno e a natureza que o cercava, a violência também se manifestava em suas relações, seja entre aqueles que dividiam os mesmos lugares, grupos sociais e familiares ou entre antagonistas sociais que disputavam o mesmo ambiente, espaços de poder ou a própria natureza.

Em todas as relações de disputa ou de convívio social a violência está presente e continua se manifestando nas sociedades a partir dos diferentes sentimentos expressados pelos indivíduos em situações diversas, porém, em sua maioria, são em espaços de adversidade que acaba gerando medo, raiva, dúvida e receio. Estes sentimentos podem refletir motivações que caracterizam uma ação violenta. (Maffesoli, 1987) Sendo assim, a percepção da ação violenta se torna natural às emoções dos indivíduos, que as expressam oriundas do sentimento natural acarretado por inúmeras possibilidades de cenários socialmente conflituosos.

Com isso, se faz necessário à criação de normas, leis e restrições de condutas a fim de conter as possíveis manifestações violentas, sendo necessária em ultima medida a aplicação da força a partir das instituições sociais competentes a fim de controlar e por limites sociais de expressão, ação e comportamento, com o intuito de harmonizar a vida em coletividade e tornar público o convívio social nas diferentes sociedades e suas mudanças ao longo do tempo. (Maffesoli, 1987)

Nesta condição, principalmente acompanhando os estágios do Estado, seja do modelo absolutista onde o rei seria a representação da força maior e tinha como limite social suas próprias vontades individuais, até chegarmos à constituição e ao Estado democrático de direito que rege as leis necessárias para vivermos em sociedade a partir dos três poderes, sendo a vontade democrática da maioria fundamental para esta execução. Então, ao longo do tempo, os modelos de aplicação de leis mudou, assim como as expressões violentas também mudaram, um homem do Séc. XXI não se expressa violentamente como um vassalo do regime feudal, embora, seus objetivos de conflito possam ser os mesmos.

Sendo assim com o passar do tempo e dos processos históricos que atravessaram as diferentes sociedades, as manifestações de violência se moldam e sofrem alterações no decorrer das mudanças propostas pelos progressos das sociedades, ou seja, não dá pra caracterizar universalmente a violência. Não se pode analisar a violência de maneira única, homogênea, precisa-se compreender as motivações das ações violentas para entender como as diferentes manifestações ocorrem.

Neste sentido a compreensão da violência se baseia em “interrogar as caracterizações propostas, as condições sociais, econômicas e políticas da emergência desse problema social” (Derbabeux, 2001). Em outras palavras, a violência se manifesta dentro das condições sociais em que ela está inserida, dentro do contexto político e econômico em que os indivíduos que a manifestam se encontram, partindo da reação a um cenário muitas vezes conflituoso e gerando ainda mais conflito externo a própria circunstância. Isto posta, não se pode generalizar a violência dentro de qualquer manifestação de conflito que acontece na sociedade, ou qualquer ação que fere o corpo social. A violência não é uma ação universalizada, suas intenções e particularidades precisam ser percebidas individualmente, para assim, construir sua compreensão. Para Eric Derbabeux, sociólogo francês :

“Em outras palavras, há um erro fundamental, idealista e ahistorico, em acreditar que definir a violência, ou qualquer outro vocábulo, consista em se aproximar o mais possível de um conceito absoluto de violência, de uma “ideia” da violência que, de fato, tornaria adequados a palavra e a coisa”.
(DERBABIEUX, 2001, pág. 164)

A violência e suas manifestações se moldaram junto ao indivíduo social do Séc. XXI que se encontra em constante mudança e passando por processos singulares. Internet, redes sociais, pandemia, avanço da extrema direita, desigualdade social, precarização do trabalho, mudanças climáticas, guerra no oriente médio e a própria crescente de violência nas metrópoles urbanas demonstram como estes processos se tornaram determinantes para caracterizar as mudanças das sociedades contemporâneas, mas especificamente na socialização entre os indivíduos.

No decorrer destes processos as manifestações violentas também mudaram, se inserindo em espaços que antes não existiam ou se fazendo existir em novos espaços criados a partir da modernidade, a exemplo da internet. Então, a Escola, uma das instituições sociais mais importantes da sociedade que contribui significativamente para

a socialização primária e início da vida em sociedade dos indivíduos vem passando por um aumento preocupante de episódios de violência explícita grave. Segundo o Ministério dos direitos humanos e da cidadania (MDHC) o número de denúncias feitas em 2023 subiu 50% em relação ao ano de 2022. De janeiro a setembro de 2022 houveram 6,3 mil denúncias, o que já caracteriza um alto número de ocorrências. tendo em 2023 o aumento de 9,5 mil denúncias no mesmo período de tempo, representando um aumento significativo no cenário de violência escolar do Brasil.

Mas mesmo dentro desta lógica violenta que vem crescendo, a escola é interpretada como uma instituição blindada por estas manifestações, onde o esforço individual do estudo e a compreensão que só a escola, instituição representante da educação, pode proporcionar a mobilidade social necessária para uma vida mais confortável longe da desigualdade social que o Brasil proporciona para a maioria dos brasileiros. É a partir dessa lógica que a escola se forma como um símbolo quase que “divino” da moral social, que a separaria do resto da sociedade, a tornando um ambiente único e respeitado.

Segundo a FGV (2019) a educação, impulsiona a mobilidade social dos brasileiros ao longo dos anos, gerando desenvolvimento profissional e oportunidades para as gerações atuais, potencializando as condições materiais dos indivíduos e muitas vezes rompendo com a lógica violenta de espaços precarizados. Visto que ao longo dos anos 2000, políticas públicas voltadas à educação foram necessárias para o fortalecimento dos espaços institucionalizados, principalmente as escolas públicas, que sempre foram pauta para a consolidação de projetos políticos e extremamente necessárias para o desenvolvimento dos Estados.

E então, a escola acaba se manifestando como uma instituição pregada pela preservação e respeito na sociedade, onde a própria prática escolar pode romper com as lógicas violentas de uma sociedade desigual. Embora, a história da instituição é constituída dentro de uma lógica violenta. Em tempos recentes, a educação era posta como um meio de punição aos alunos que não se adequavam aos métodos adotados nos ambientes escolares, que em sua grande maioria era composto pelo professor como canalizador do conhecimento e o aluno como receptor, promovendo uma hierarquia intelectual. (Charlot, 2002)

Contudo, certos limites eram respeitados por estima ao que a instituição representa, e a lógica de ruptura social que ela pode proporcionar. Entretanto, nos últimos anos e principalmente após a pandemia da COVID-19 onde, segundo a CNN BRASIL, os casos de ataques às escolas saíram de um a cada dois anos para em média um a cada mês, sendo nove casos no ano de 2023, sendo recorde de casos desse gênero no Brasil neste ano. Percebendo que em sua grande maioria foram ataques de autoria de alunos ou ex-alunos da própria escola, que, até chegar neste ato extremo, muitas vezes resultando na própria morte do assassino, passaram por um processo de socialização conflituoso onde a violência simbólica se torna o ponto de entrada para, o que é caracterizado um ciclo de violência, até terminar nesses episódios de violência grave. (Charlot, 2002)

Episódios extremos como esses se fazem presentes com uma frequência corriqueira, parecendo que o ambiente escolar tem potencial para tudo se tratando de violência, não havendo os limites morais culturalmente postos ao senso comum de nossa sociedade. Então, *como episódios de violência como estes se tornaram cada vez mais recorrentes e como a violência da sociedade perpassou os muros escolares blindados pela moral social, tornando a escola reprodutora das violências presentes na sociedade?*

Hoje, se forma uma angustia social diante deste cenário de violência no Brasil, segundo o DataSenado o medo de violência nos espaços escolares atinge 90% dos brasileiros, enquanto nas ruas o medo perante a violência atinge um percentual de 76%, ou seja, os brasileiros temem mais a violência na escola do que nas ruas. Visto que, é lá onde depositam a confiança de ter seus familiares, em especial os jovens, dentro de um ambiente seguro e de desenvolvimento pessoal e a perspectiva de assegurar um futuro emancipatório aos alunos que tem acesso à educação. (Charlot, 2002)

Para Bernard Charlot, sociólogo francês pioneiro na temática, a escola não escapa mais de episódios de violência extrema, que agora passam a ser um fenômeno estrutural deste espaço social:

A angustia social acarretada por esses fenômenos aumenta tanto mais, quanto incidentes violentos, até mesmo muito graves, podem acontecer em estabelecimentos escolares que pareciam dever escapar a eles (colégio de centro de cidade do interior, por exemplo) e essa violência escolar parece aumentar, apesar dos “planos” e medidas postos em pratica há uma dezena de

anos: tudo se passa como se a violência na escola estivesse convertendo-se em um fenômeno estrutural e não mais, acidental... (Charlot, 2002, pág. 434)

Sendo assim, a percepção da violência no cenário escolar precisa ser ampliada diante dos poucos limites impostos, sendo a sociologia fundamental neste processo, para a construção de alternativas para este problema social tão caro a nossa sociedade, elaborando distinções conceituais claras a fim de projetar os tipos de violência presentes no espaço escolar. Visto que, apenas as violências de caráter penal não são suficientes para compreender como se dá o cenário que torna a violência, um fenômeno estrutural.

Não se pode pôr no mesmo hall interpretativo uma conduta agressiva de alunos, ou um possível caso de bullying, a um homicídio de arma de fogo (Charlot, 2002), embora muitas vezes estes atos de violência extrema derivem de um processo de violência simbólica contínuo na experiência cotidiana destes indivíduos, formando um ciclo de violência simbólica a violência física/penal. O exemplo do ataque às escolas é claro para elucidar este processo, no fim, a violência extrema caracterizada pelo atentado cometido pelos agressores, configurado em transgressão penal é o ato final dentro de uma série de ações simbolicamente violentas no ambiente escolar, que podem acometer os estudantes, professores, gestores e comunidade escolar.

Embora na sociologia a temática seja nova no cenário global, sendo muito tempo associada à psicologia e ao comportamento da juventude, acontecimentos no Sec. XX na França fizeram o clima de violência no ambiente escolar entrar em destaque na mídia onde um caso de homicídio ganhou repercussão quando um diretor de uma escola é assassinado com um ataque de faca por um aluno. (Derbabieux, 2001) Com isso, cientistas sociais da época se apropriam do tema para investigar a violência escolar como um fenômeno social gerado pelas diferentes características da sociedade francesa da época.

Tornando o problema sociológico relevante para o cenário nacional da França no início dos anos 2000, Bernard Charlot (2002) e Eric Derbabieux (2001), dois clássicos e pioneiros na temática, e que futuramente serão utilizados com mais a frequência neste trabalho, caracterizam duas teorias que esclarecem bem o processo de violência no ambiente escolar e como este processo precisa ser individualizado para melhor compreendê-lo.

Charlot (2002) configura a teoria das três violências, sendo elas a violência *na* escola, onde o episódio violento se configura dentro do ambiente escolar, embora na maioria das vezes venha de algum movimento externo e não tenha vínculo direto com os atores da escola. Violência *à* escola, onde os alunos da perdem o apreço a instituição, atacando sua estrutura, mas também quem a representa, na figura de professores, coordenadores e gestores, este tipo de manifestação violenta é a conceituação nuclear que será usada neste trabalho. Por fim, a violência *da* escola é caracterizada pela violência simbólica que a escola pode reproduzir a partir da cultura dominante, não correspondendo aos anseios de mobilidade social e emancipação intelectual que os seus alunos almejam. As três áreas conceituais se complementam e se tornam um fenômeno único dentro do ambiente escolar, refletindo na socialização de todos os atores sociais deste campo.

Já Derbabieux constrói uma compreensão ambígua da escola, onde seus alunos, a entendem primeiro por sua dimensão de ruptura social, voltada à educação e a emancipação dos saberes; ao mesmo tempo em que produz as violências simbólicas estabelecidas pela desigualdade nas sociedades modernas-capitalistas, o que pode gerar frustração nos alunos. Desse modo, podemos compreender os atos de violência sistemática a partir do que Debarbieux (2001) chama de “*Incivilidade*”: “[..] poderia mesmo ser apenas a forma base das relações de classe, exprimindo o amor frustrado por uma escola que não pode manter as promessas igualitárias” (DEBARBIEUX, 2001. Pág. 179).

Dessa forma, contribuem para transformar a compreensão da temática dentro do fazer sociológico a partir de um “olhar reparador” no meio social, minimizando os danos da violência escolar e canalizando seus esforços para o desenvolvimento dos saberes escolares, que conseqüentemente promovem a ruptura da violência (Derbabieux, 2001). Não podendo deixar de ressaltar a importância da instituição na formação de seus alunos e promoção da cidadania. Ao apontar o problema sociológico, percebem-se também maneiras de lidar com esta dinâmica, tão nociva a nossa sociedade e ao futuro do Brasil.

A partir da compreensão da violência, utilizando a escola como unidade de análise, este trabalho tem como objetivo central compreender como a escola se torna um agente reprodutor social da violência brasileira, a tornando um fenômeno estrutural no espaço escolar, fortalecendo a “cultura da violência” e rompendo com a lógica de um

espaço seguro e emancipador, para violento e inseguro. Este conceito é detalhado no Relatório do Núcleo de estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP 2012) que demonstra conceitos e premissas interessantes que serão utilizados no decorrer do trabalho. Além disso, serão utilizados os dois teóricos já citados previamente, e suas grandes contribuições para a área em questão, mas percebendo que o problema sociológico em questão, embora em alta em casos e repercussão, não corresponde a quantidade de trabalhos e permanece novo no cenário acadêmico.

Sendo assim, esta produção tende a responder a pergunta; A escola se tornou um espaço de reprodução da violência da sociedade? Encontrar a resposta para essa questão abre o leque para uma nova análise/pergunta; Quais são os tipos de violência que com mais recorrência ultrapassam os muros e portões escolares? Estas perguntas guiam a análise teórica e metodológica deste trabalho, contemplando a formação de um entendimento conjunto do objeto em questão.

Com isso, a estratégia metodológica utilizada foi, categorizar os tipos de violência escolar a partir de uma revisão bibliográfica profunda, sendo feito um apanhado com cerca de oitenta artigos e dissertações voltados ao tema. As apurações dos trabalhos sobre a temática foram feitas ao utilizar as variantes; Violência escolar; Violência na escola, na plataforma Google acadêmico, das páginas 1 a 15 de pesquisa, sendo feito um recorte cronológico dos anos 2000 até 2023.

E então, foi feita uma análise dos trabalhos de maneira qualitativa para demonstrar quais tipos de violência estão mais presentes na análise bibliográfica, sendo escolhidas as variantes; Bullying, Desrespeito, Agressão Verbal, Agressão Física, Estupro, Racismo, Roubo, Furto, Vandalismo e Assassinato. A utilização destas variantes se faz necessária para compreender quais são os principais tipos de violência presentes no ambiente escolar, e como a partir delas, a relação dos atores do campo social se forma.

2. O surgimento do objeto violência escolar

Este trabalho não tem o intuito de pôr a escola como a grande causadora dos problemas de violências que a cercam, muito menos a deslegitimar enquanto instituição que promova mobilidade social e de dignidade a seus alunos. Muito pelo contrário, essa produção é fruto de uma grande trajetória educacional, onde a escola e a educação deu a possibilidade de sonhar com uma vida digna, longe do destino traçado pelas desigualdades que cercam a maioria dos brasileiros vindos de periferia e que carregam consigo o sentimento de mudança e indignação.

Mas isso não significa que aqueles que acreditam na educação e nos seus processos estão isentos das manifestações de violência que podem ser reproduzidas nestes espaços. Eu, enquanto pesquisador deste tema tão novo na sociologia, revisito em minhas memórias minha trajetória educacional e acadêmica, agora tendo a percepção sociológica necessária, consigo interpretar inúmeros episódios de violência graves que me fizeram uma vítima e que poderiam ter me dado um destino diferente do atual.

Casos como agressões verbais e físicas no ensino fundamental, que acabaram resultando em perseguições. No ensino médio, onde fui assaltado na porta da escola onde estudava, além de fugir inúmeras vezes de outras tentativas de assalto. Também tive como grande figura representativa um professor de química que proferiu as seguintes palavras “Vocês não irão a lugar nenhum” se referindo a minha sala de aula. Exemplos como esse são comuns na trajetória dos brasileiros que na educação, encontram seus caminhos.

“Se os jovens são os principais autores (mas não os únicos) das violências escolares, eles são também as principais vítimas dessa violência. O problema da violência na escola é ainda, e até mesmo, em termos estatísticos, o dos alunos vítimas de violência.” (Charlot, 2002, Pág. 435)

Com isso, ao passar pelo processo de construção deste trabalho e principalmente escolher esse tema como ponto central da minha vida acadêmica, retorno a esses episódios para debate-los e transformar minhas experiências na contribuição sociológica necessária para evidenciar a necessidade de “fazer existir” este fenômeno estrutural, que interpretado como tabu social é posto de lado dos grandes debates midiáticos e pouco produzido dentro da academia, principalmente os departamentos de sociologia. (Derbabeux, 2001)

Logo, busco no decorrer da elucidação deste trabalho evidenciar como a violência escolar se tornou um objeto sociológico, enfatizando o processo da construção do problema social. Para fazer isso, utilizo a obra de Eric Derbabeux, um dos sociólogos pioneiros na temática, que atuou fervorosamente pela compreensão da violência escolar enquanto categoria epistemológica, pluralmente caracterizada, a partir de suas individualidades e sentidos diversos, além da construção do relatório inicial de atuação institucional para a construção de políticas efetivas voltadas ao fenômeno. Nesta obra intitulada “A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto”, o autor descreve o cenário histórico de como a violência escolar se tornou pauta para os cientistas sociais da época, evidenciando como este objeto influenciaria diretamente os processos de violência urbana e educacional.

Sendo assim, para dar início as categorizações dos tipos de violências presentes na escola, precisa-se deixar claro como a violência, esta cada vez mais próxima do ambiente escolar, e como a sociologia vem se deparando com esse fenômeno, o entende e classifica. Dito isto, a violência escolar como objeto de estudo sociológico só irá se concretizar a partir do início de 1990 na França, país pioneiro na temática. Nesse ano, a violência urbana nos bairros periféricos seria tema central do debate midiático e político. As reivindicações por segurança eram pauta em todo o país, principalmente nos bairros que eram considerados “handicap” de violência. Porém, uma onda de manifestações de caráter juvenil, onde jovens reivindicavam mais seguranças nas escolas, pois brigas de gangues se tornavam comuns no cotidiano dos alunos que viviam em bairros periféricos, principalmente os de imigrantes. Então, essas reivindicações trouxeram à tona a violência escolar como um eixo central do debate sobre violência urbana, “mostrando abertamente as divisões sociais no próprio seio da juventude, ligando definitivamente tema da periferia ao da violência escolar”. (Derbabeux, 2001)

Perante o exposto, onde o grande debate político e midiático tomou grandes proporções, formou-se uma disputa ideológica sobre o tema e uma expectativa social sobre o problema iminente, com isso, medidas públicas e mobilização institucional foram feitas para conter o dito “fracasso escolar” da época. A territorialização do problema foi realizada por parte das autoridades competentes, mas dentro do contexto o ponto chave da percepção de violência da época é que os encarregados de apresentar propostas de contenção do problema o entendiam como uma questão tão somente de segurança de cunho penal, culminando exclusivamente a polícia intervir nestas

ocorrências, o que era engraçado, pois mesmo ocupando as mediações das escolas, a polícia tinha a reputação de ser considerada repressiva pelos professores, além dos próprios policiais não gostarem de se encarregar de ocorrências de cunho escolar, retirando deles a demanda de ocorrências “importantes”.

Hoje, projetos como esse onde a polícia se torna o principal agente de controle da violência escolar se tornaram comuns no Brasil. É o caso da patrulha escolar, programa presente em diversos Estados da Federação onde viaturas de polícia com agentes presentes se estabelecem em frentes a escola para garantir a segurança dos alunos e conter possíveis episódios de violência externa ou interna. Além do PROERD (Programa Educacional de Resistência às drogas e a violência), famoso programa de combate às drogas e a violência urbana, que consiste no oferecimento de aulas e formações por policiais a fim de educar os alunos sobre o uso de drogas e entorpecentes. Este programa foi criado a partir de uma experiência exitosa nos Estados Unidos, porém não se adequou a realidade brasileira, sendo considerado recentemente por uma pesquisa da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) um programa ineficaz, não influenciando a prevenção ao uso de drogas em crianças e adolescentes que acompanharam as aulas do programa.

Diante deste cenário onde a interpretação sobre o fenômeno se encontrava confusa, somente em 1994 construiu-se um relatório vasto de estudos empíricos e sociológicos sobre a temática. Nele, a principal pergunta para o desenvolvimento dos estudos foi se “há o fantasma da insegurança?”, ou a mídia, a sociedade, as forças de segurança e os próprios pesquisadores transformaram essa temática num fogo maior do que realmente é. Porém, ao longo da construção do relatório houve um impasse epistemológico, na maioria das descrições feitas pelos atores sociais vítimas das diferentes violências cometidas na escola, em sua maioria elas se manifestavam de maneira simbólica e não apenas por representações que se agrupem no código penal, sendo uma tentativa de reunir as “categorias sociais e ordenações institucionais os fatos qualificados de violência pelos próprios atores sociais que o sofrem”. (Derbabeix, 2001)

Derbabeix, sociólogo francês que trabalhou na construção deste primeiro relatório deixou claro este processo no decorrer do desenvolvimento do relatório, percebendo que não poderia limitar a caracterização da violência escolar apenas dentro das manifestações contempladas pelo código penal:

Entretanto, se, por um lado, todos os atores aceitam considerar as violências em termos de código penal, por outro lado, é certamente sobre as violências pequenas, cotidianas, que o debate é mais vivo, em torno da noção de incivilidade. De fato, as pesquisas de vitimização demonstram que, se um número não derrisório de alunos e docentes são vitimados, na imensa maioria dos casos o que é considerado como violência não emerge meramente do código penal, mas se agrupa sob as categorias cômodas da “violência verbal”, ou até mesmo simplesmente do “clima” ou da “falta de respeito”. (Derbabieux, 2001, pág. 168)

E então, ao perceber as mudanças de categorização necessárias para interpretação do objeto, constituiu-se a ideia da “degradação do clima escolar”, seguido da ideia de incivilidade, esta categoria é fundamental para traçar objetivos de entendimento social onde as pequenas violências seriam conceituadas no cotidiano dos atores sociais. Nela, os vitimados entendiam uma grande crise de identidade com o ambiente escolar, não se sentindo a vontade para cumprir seus papéis sociais nos espaços e entendendo que a qualquer momento poderiam ser vítimas de pequenas violências.

Seja alunos, equipe docente e componente das gestões, todos eles expressam a falta de respeito que acometia o clima dentro do ambiente escolar e a falta de identidade social, ou seja, para aqueles que a compunham, a escola não cumprirá mais seu papel enquanto instituição educacional, sendo impensável manter a promessa do empoderamento, emancipação e participação dos alunos num ambiente como esse, onde ‘A incivilidade permite pensar as microviolências que, se acumulando, tornam inabitável o mundo dos homens’. (Derbabieux, 2001)

Porém, a “degradação do clima escolar” não é fundamento generalizante nos espaços. Muitos alunos ainda possuem uma confiança intensa na escola e no processo educacional, para as classes mais baixas e menos favorecidas pelo capital, é formado o senso comum de acreditar que só a educação pode promover uma mobilidade social digna e um avanço no status social posto. Sendo assim, a expressão da incivilidade se forma a partir da frustração de perceber que a escola não se porta como uma instituição que possa promover tal ruptura de classe, não mantendo suas promessas igualitárias de ascensão e promoção da igualdade, insisto, portanto em deixar claro que a formação da violência escolar está inteiramente ligada às desigualdades sociais.

Nesse caso, mesmo sendo uma instituição nuclear da socialização dos indivíduos onde, não importa a classe, todos tendem a passar pela escola, a violência como objeto sociológico se forma a partir de variantes estruturais, sendo o caso da desigualdade de classe e social:

A “violência é amplamente dependente das condições sociodemográficas da população escolar abrigada: quanto mais os estabelecimentos abrigam populações socialmente desfavorecidas, mais frequentes são os delitos e infrações, mais o clima é degradado, mais o sentimento de insegurança predomina”. (Derbabieux, 2001, pág. 180)

Dessa maneira, a desigualdade social expõe o risco à violência escolar e a exclusão social por partes dos atores, em especial os alunos, que vivem e estão inseridos em realidades de vulnerabilidade. Essa caracterização demonstra que a escola, como instituição social, reflete os processos sociais que são postos pelas condições materiais dentro das sociedades onde a desigualdade se forma como moto central da vida social. No caso exposto no texto, é a sociedade francesa, mas a interpretação se desenha a pensar como o fenômeno da violência escolar pode ser estruturante numa sociedade que alcança níveis exorbitantes de desigualdade como a brasileira, moldados no sistema capitalista e liberal.

Hoje no Brasil se percebe o grande índice de desigualdade e acúmulo de riqueza vinda das grandes elites. Segundo relatório da Oxfam, 63% da riqueza do Brasil está nas mãos de 1% da população mais rica, enquanto que os 50% mais pobres detêm apenas 2% do patrimônio do país. Isso reflete diretamente em como as manifestações de violência se estabelecem. Quanto mais o ambiente é conflituoso, seja nas socializações familiares ou parentais ou nas condições da vida social, como a falta de infraestrutura ou o acesso a serviços básicos, é mais propício os indivíduos reproduzirem a violência que acomete seu cotidiano, essa premissa é explicitada no Relatório NEV/USP ao se tratar do fenômeno violência:

A abordagem adotada neste estudo é de que a violência é socialmente aprendida. É aprendida em casa – por meio da família e as práticas disciplinares utilizadas pelos pais e/ou aqueles que cuidam da criança, pela observação do modo com os adultos se relacionam e lidam com conflitos, pela maneira como os irmãos se relacionam e como usam ou não a violência e agressão para resolverem disputas e competições – e pelo que assistem nos meios de comunicação e na internet. A violência também é aprendida fora da

casa pelo que crianças e jovens observam na comunidade, nas escolas, nas instituições e pelas experiências de serem vítimas ou testemunhas de diferentes eventos violentos. (Cardia, 2012, pág. 59)

Contudo, pensar a escola como uma “esponja” que apenas reproduz os processos sociais não é o caminho em que a percepção sociológica se forma em sua totalidade. A dualidade de compreensão que se forma entre a escola e a relação com o ambiente externo se faz tão importante quanto perceber as nuances do ambiente interno. Pois, ao construir o entendimento que tudo que motiva as manifestações violentas vem do externo, a escola transfere a responsabilidade para o entorno, ou seja, bairros ou territórios que já sofrem um processo de vulnerabilidade, ou para os próprios alunos, individualizando o problema.

O debate científico mostra eficiência e anseio estratégico em tornar possível a compreensão de diferentes cenários necessários para categorizar as violências, porém sem fugir das noções ideológicas e cientificamente fundadas. Não se pode impor a certos grupos sociais específicos a categoria “violento”, muito menos um “handicap socioviolento” (Derbabeix, 2001). A importância da movimentação e motivação das equipes escolares é fundamental para a construção de estratégias necessárias que dialoguem e intervenham de maneira positiva nos espaços. Claro que cenários de grande violência exigirá um maior comprometimento do corpo escolar e de políticas efetivas de prevenção a violência, mas sem imputar a manifestação violenta somente aqueles que vivem em espaços já marginalizados. Como bem aponta Derbabeix: “A “paz social” não significa necessariamente justiça escolar, um estabelecimento calmo pode ser apenas um instrumento de controle social e de reprodução das desigualdades”. (Derbabeix, 2001)

Nas palavras de Derbabeix (2001), “A “violência na escola” apareceu então como um objeto digno de ser pensado em si mesmo”. Sua complexidade como fenômeno estrutural torna a prova que como objeto, mesmo novo no cenário sociológico, se mostra desafiador e cheio de pressupostos que demonstram caminhos diversos de análise, onde os diferentes atores sociais socializam entre si, mas ao mesmo tempo constroem suas especificidades na relação institucional.

Que a escola seja entendida como unidade de análise sólida para percepção das diferentes violências, mas também um corpo em movimento que se expressa, faz a diferença e contribui nas relações que se propõe a construir nas suas atividades sociais.

Além de estar inserida em diversas realidades, como motor pulsante da educação, o anseio por uma escola livre, justa e democrática se faz presente em todas as sociedades, e para isso, é preciso entender como as diferentes violências, sejam simbólicas ou penais, ocorrem, a fim de promover políticas e ações que intervenham nessa realidade tão desafiadora.

3. Revisão da literatura

Neste capítulo será feita a análise do apanhado de artigos coletados através da revisão bibliográfica a fim de evidenciar o quantitativo de citações mais presentes nas obras que abordam a temática. Será abordada a metodologia presente neste trabalho e suas estratégias de análise. Faz-se de extrema importância evidenciar o processo metodológico para que a construção dos dados analíticos e utilização de citações seja a mais eficiente possível, deixando claro e preciso sua realização.

A amostragem consta com um grande quantitativo de obras, a melhor maneira encontrada de lidar com esses dados dentro do requisito proposto foi utilizar o quantitativo de citações dentro de um software de análise qualitativo, após isso, a partir da relevância metodológica, deixar claro as percepções sociológicas que podem ser desenvolvidas dentro da distribuição observada, deixando claro como as tipificações de violência se manifestam dentro do ambiente escolar, tão singular no desenvolvimento social.

3.1 Metodologia

A compreensão da violência escolar se estende pelas suas diversas categorizações, conceituadas a partir do desenvolvimento de processos teóricos a fim de conduzir o entendimento do objeto. Como já falado, violência escolar é um objeto sociológico recente, onde suas classificações teóricas necessitam de trejeitos das diferentes realidades analisadas. Eric Derbabieux, um dos fundadores do objeto, desenvolveu sua teoria dentro do cenário francês da época, o que pode ser levado em consideração, mas tendo em vista que a sociedade brasileira, ao qual se precisa compreender este fenômeno de maneira estrutural, tem suas características e peculiaridades, produzindo uma série de fatos únicos que devem ser levados em consideração.

Isto posto, construir as distinções conceituais é fundamental para realizar recortes necessários e atribuir significados as noções de mundo que caracterizam o fenômeno social. Para fazer esse trabalho, utilizei de Bernard Charlot (2002), um dos sociólogos também pioneiro na formação da violência escolar como objeto sociológico. Charlot irá classificar três tipos de violência neste espaço: a violência *na* escola, violência *à* escola e a violência *da* escola. A primeira é caracterizada pela violência externa ao ambiente escolar, vindo de fora da escola, mas que acontece dentro do seu espaço. Brigas de

gangue, ataques armados, assaltos cometidos por pessoas de fora são exemplos que caracterizam esta classificação.

A segunda, a violência *à* escola é um ataque à instituição escola, em sua estrutura, cometendo atos de vandalismo, mas também desrespeitando todos os componentes da escola, como professores e gestores. Este ataque é interpretado em conjunto com o terceiro ponto, a violência *da* escola, nela a escola comete uma violência simbólica a seus alunos. Neste sentido, a escola se transforma num instrumento de reprodução da classe dominante, das desigualdades, e das violências que acometem as classes mais baixas da sociedade, gerando a frustração necessária para o desrespeito e a falta de limite com a instituição. (Charlot, 2002)

Estas três caracterizações são fundamentais para entendimento do fenômeno, se complementando e facilitando a distinguir as dinâmicas sociais. Porém, este trabalho se propõe a analisar os tipos de violência que mais se manifestam no espaço escolar a partir de uma revisão bibliográfica profunda dos trabalhos executados. Sendo assim, a conceituação nuclear para entendimento é a “Violência á escola”, tendo como principal ator social os alunos, que em sua maioria são os principais responsáveis pelas manifestações de violência nos trabalhos sobre a temática. (Charlot, 2002)

Outra caracterização bastante útil que Charlot e outros pesquisadores franceses irão deixar de contribuição para o estudo do objeto e que será utilizada neste trabalho é a distinção das ações entre: Violência, Transgressão e Incivilidade. A violência é utilizada para descrever quem viola o código penal e as leis com o uso da força ou não. São exemplos de “Violência” no ambiente escolar: Extorsão, agressão física, Racismo, Homofobia, Bullying, tráfico de drogas, assassinato etc. A Transgressão já é o ato relacionado a conduta contrária ao regulamento interno da escola, porém não ilegal no ponto de vista legal, como: Falta de pontualidade, Não realização dos trabalhos escolares, Falta de respeito com os professores ou gestão, Não respeitar o fardamento etc. Por fim, a Incivilidade não contrapõe nem a lei nem o regimento interno do estabelecimento, mas as regras de convivência, construindo um clima de instabilidade e violência simbólica no espaço escolar. Insultos, agressões verbais e desrespeito se tornam comuns no cotidiano dos alunos e demais atores sociais facilitando o clima hostil e a tensão rotineira por parte do clima escolar.

Para Charlot, é substancial haver estas distinções a fim de promover a categoria clara das ações que acometem o espaço escolar, não pondo todos os processos na mesma prateleira interpretativa:

Tal distinção é particularmente útil, não só porque permite não misturar tudo em uma única categoria, mas também porque designa diferentemente os lugares e formas de tratamento dos fenômenos. Assim, um tráfico de drogas não depende do conselho de disciplina do estabelecimento, mas da polícia e da justiça; inversamente, um insulto ao ensino deve ser tratado pelas instâncias do estabelecimento e não justifica que se chame a polícia. Quanto à incivilidade, ela depende fundamentalmente de um tratamento educativo. (Charlot, 2002, pág. 437)

Porém, estas distinções podem ser entendidas em conjunto e não somente em ações isoladas, misturadas, podem compor o cotidiano da vida escolar. Como exemplo o acúmulo de incivildades no dia a dia que pode infligir os atores sociais, que por conviverem num espaço violento, sentem-se atingidos por sua identidade, seja pessoal ou profissional, a depender da manifestação. Nisso, o ataque cotidiano a estes diferentes atores ou entre eles mesmos pode ser entendido como uma violência e precisa ser interpretada como tal.

Com isso, este trabalho usará como variantes do processo metodológico de investigação dez tipos de manifestações violentas que acometem o espaço escolar, seja de caráter simbólico ou penal. Esta amplitude de variantes se faz necessária para a construção do entendimento de quais tipos de violência estão mais presentes e aparecem com mais frequência no ambiente escolar, partindo do pressuposto que a quantidade de citações propostas pela grande literatura revisada confirma a frequência de manifestação do fenômeno. São elas; Bullying, Desrespeito, Agressão Verbal, Agressão Física, Estupro, Racismo, Roubo, Furto, Vandalismo e Assassinato.

Seguindo o processo, a base de dados foi construída a partir da plataforma Google Acadêmico, onde o recorte de literatura foi feito priorizando artigos e dissertações. Na plataforma, os termos escolhidos foram Violência Escolar e Violência nas escolas, tendo como recorte temporal dos anos 2000 até o ano de 2023, sendo feito o apanhado da pagina de pesquisa um até a quinze. Na coleta de dados, foram selecionados 73 artigos de diferentes áreas do conhecimento, mas que trabalham a temática de maneira conjunta. Já nas dissertações, utilizando os mesmos critérios, foram

apanhadas três dissertações sobre a temática, demonstrando a falta de trabalhos referentes à violência escolar.

A análise deste trabalho foi de cunho qualitativo, buscando compreender os fenômenos a partir das citações propostas pela revisão da literatura. Sendo construídos então dois estágios no processo analítico, primeiro será feito o levantamento dos tipos de violência escolar a partir de revisão bibliográfica já citada, depois será feita a análise da relevância científica do número total de citações existentes. Neste processo foi utilizado o software de Atlas.TI, que gerou categorias de análise a partir das variantes escolhidas e citadas acima, dando valor aos significados destas categorizações. Neste procedimento, “algumas bases de dados permitem a busca de documentos baseada no número de citações que tiveram, ou seja, pelo nível de relevância acadêmica que possuem”. (Galvão, Ricarte, 2020) Sendo assim, pude ter na base de dados a aplicação dos 10 códigos propostos, o que gerou a produção de 470 citações de texto no apanhado dos artigos e 94 citações referentes às dissertações, demonstrando o grande quantitativo e o êxito na escolha das variantes.

3.2 Os tipos de violência escolar e seus desdobramentos

Dessa forma, a construção do sentido da reprodução dos tipos de violência no ambiente escolar se caracteriza pela relevância científica estabelecida no decorrer da revisão, analisando as citações presentes nos artigos e teses sobre a temática proposta. Ao começar serão evidenciados os tipos de violência citados nos artigos e depois nas dissertações. Fiz a escolha metodológica de separá-los, pois embora só tenham 3 teses como base de dados, ocorreram muitas citações também e em sua maioria houve cruzamento de códigos, o que pode ser utilizado como um novo ponto de análise para este trabalho.

De início, constrói-se a análise do quantitativo de artigos (73) com o número de citações (470) obtidas a partir do software de análise qualitativa Atlas.TI, diante dos tipos de violência escolar escolhidos;

1. Bullying - 349
2. Desrespeito – 17
3. Agressão Física – 39
4. Agressão Verbal - 8
5. Estupro - 3

6. Racismo - 21
7. Roubo - 25
8. Furto - 9
9. Vandalismo - 48
10. Assassinato - 4

Números também representados no gráfico abaixo a partir das porcentagens:



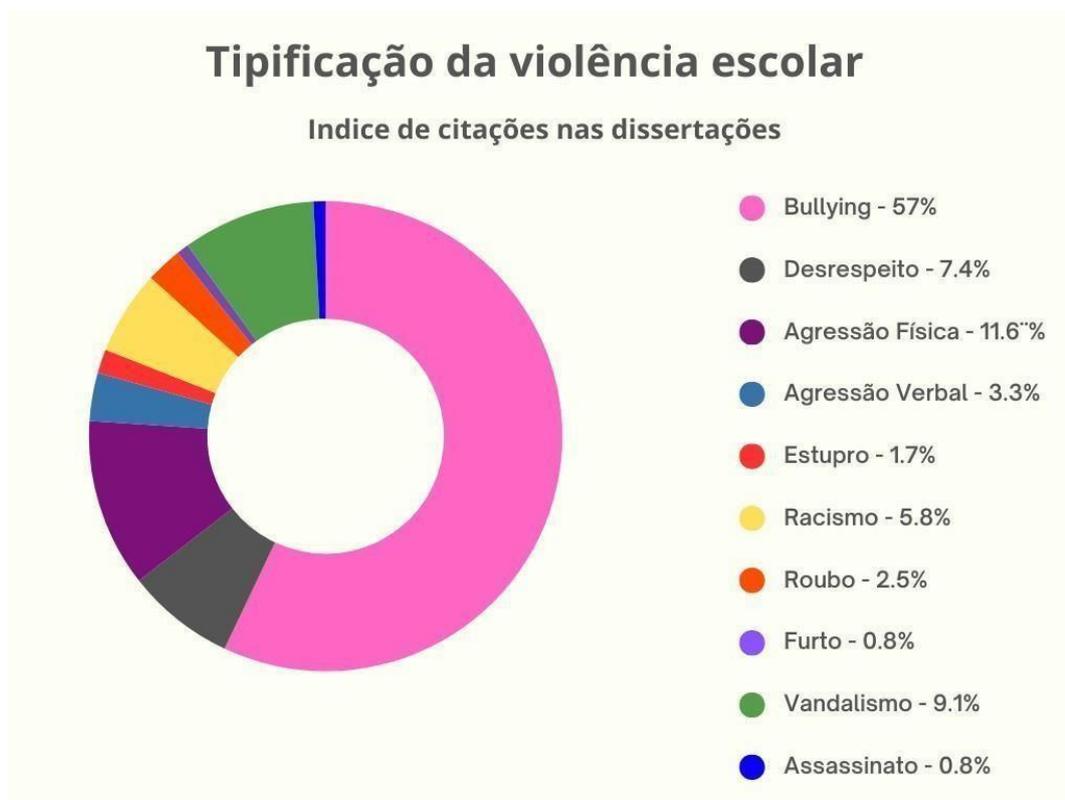
Elaboração: Autor 2023

Já nas três dissertações utilizadas para compor a base de dados temos também um grande quantitativo de citações (94) observado;

1. Bullying - 69
2. Desrespeito - 9
3. Agressão Física - 14
4. Agressão Verbal - 4
5. Estupro - 2
6. Racismo - 7
7. Roubo - 3
8. Furto - 1
9. Vandalismo - 11

10. Assassinato – 1

Números representados no gráfico abaixo a partir do índice percentual;



Elaboração: Autor 2023

Observam-se a partir do percentual exposto nos dois diferentes gráficos três pontos-chaves que devem entrar em análise dentro da perspectiva proposta. Eles nortearão o entendimento das tipificações da violência e como a escola é interpretada como agente determinante para as manifestações de violência demonstradas. Primeiro e mais visível é a grande disparidade do “Bullying” em relação às outras tipificações de violência escolar. Isso evidencia o quanto a estrutura simbólica de tratamento (também representada por agressão verbal e desrespeito) é notável como violência, e deve ser tratada como tal. Derbabeux (2001) na construção do objeto deixa claro como a violência escolar não pode ser interpretada apenas dentro das diretrizes legais, valendo das tratativas simbólicas um dos pontos centrais de análise do clima escolar. Se formando uma crise de valores onde o agressor, sem objetivo aparente, reprime e oprime alguém na maioria das vezes mais fraco de maneira verbal ou física.

Um breve exame das definições de bullying usadas nas pesquisas mostra que esta hipótese acerca da crise de valores é bastante provável: “É um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais alunos, causando dor, angústia e sofrimento a indivíduos mais fracos e incapazes de se defender” (FANTE, 2003, p. 58). (Leme, 2009, pág. 5)

É fundamental o entendimento do Bullying neste sentido, percebendo a dualidade do processo, que acomete tanto pequenas manifestações de violências no dia a dia a crimes hediondos de caráter penal. Recentemente sancionada pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a PL 4224/21 torna o Bullying e o Cyberbullying como conduta passível de crime punível, seja de multa ou reclusão. A lei determina que a intimidação sistemática, seja individual ou em grupo de modo intencional, é interpretada como Bullying³. A intimidação pode ter característica física ou psicológica, o que contempla a percepção da dualidade do processo citado acima.

Porém, é de caráter sociológico refletir até que ponto a lei penal pode ser uma ferramenta de punição ao processo simbólico. Além de não dar prioridade a escola como fator determinante para a motivação dessa manifestação violenta. Estratégias escolares podem ser mais efetivas na intervenção do que a caracterização penal. Planos de convivência, espaços curriculares para entendimento da violência, campanhas efetivas de harmonização do clima escolar e o próprio fortalecimento e valorização do processo educacional são estratégias que podem levar a uma interferência mais sólida na formação de políticas voltadas ao combate e prevenção da violência escolar.

O segundo ponto de análise de importante destaque é o quanto as categorias “Desrespeito” e “Vandalismo” estão em evidência no quantitativo de citações propostas nos trabalhos. Elas correspondem diretamente à teorização do objeto violência escolar proposta, desenvolvida por Bernard Charlot (2002) onde ele apresenta a “Violência à escola”, que é o ataque sistemático a instituição e seus representantes. Como os alunos são em maioria unidades de análise utilizadas nas literaturas, são postos em protagonismo para manifestar as ações violentas contra a instituição. (Charlot, 2002)

No que se refere ao “Desrespeito” é dito:

Todas essas constatações têm então apontado que o cotidiano escolar é marcado pela presença de um constante desrespeito ao outro. A falta de polidez, a transgressão aos códigos de boas maneiras, se repetem sem parar, o

que difere da violência das condutas criminosas ou delinquentes. Esses atos podem, parece-nos, serem enquadrados naquilo que se chama de incivilidade. Segundo Debarbieux (2001), o desrespeito na relação com o outro, provocado pelas incivildades, é constituído de pequenas agressões cotidianas que ocorrem principalmente na escola. O desrespeito, segundo Martuccelli (2001), está associado ao fato de que os alunos na escola reivindicam um tratamento de igualdade entre professores e alunos, isto é um relacionamento não hierárquico, como se a relação com o adulto devesse seguir os mesmos moldes das relações entre pares. (Salles e Silva, 2010, pág 6)

É nesta circunstância exposta que é manifestada a frustração dos alunos pela instituição e suas diretrizes. Seja pela maneira como são atribuídas as normas internas das escolas, pelo desenvolvimento do processo educacional ou pela própria reprodução das desigualdades presente nas sociedades, frustrando os alunos que tendem a atribuir a escola o papel de instituição emancipadora, democrática e que não corresponde aos processos cotidianos, principalmente em bairros e espaços que tem índices altos de desigualdade e violência. Também vale o entendimento dos professores e gestores responsáveis por representar a escola, estando numa posição de constante ameaça, tendem a se afastar da relação com os alunos e conseqüentemente com a função estabelecida, contribuindo para o mau clima escolar. (Derbabieux, 2001)

Então, enquanto o desrespeito toma conta dentro do cotidiano, o gradativo avanço da distorção do entendimento da função escolar, fortalece os ataques à escola e sua estrutura física, com atos de vandalismo cada vez mais frequente. Pichações, explosões, quebra de cadeiras, janelas e demais materiais, se tornam rotina do cotidiano escolar. Porém, ao se tratar do espaço físico, a interpretação da frustração se intensifica. Ao se deparar com um ambiente deteriorado e precarizado, os atores sociais não impõem limites aos possíveis vandalismos que podem cometer fazendo jus à tratativa dos entes responsáveis pelos espaços escolares, “Vandalizar é o modo de se apropriar de um espaço decadente”. Esta conjuntura fica clara na citação expressa pela professora Cardia (1997):

Nas incursões para observação do contexto escolar, foi possível verificar a situação precária em que se encontrava a escola. De fato, chamava a atenção que naquele período não houvesse separação entre a escola e o bairro. O prédio público em construção parecia um espaço abandonado. Cardia (1997, p.56) apreendeu os significados do vandalismo em escolas na cidade de São

Paulo. Os prédios degradados, com ar de vandalismo, fazem um convite ainda maior para destruição. (Kodato e Paula, 2010, pág. 9)

Sendo assim, o tratamento com a escola, na sua estrutura física, ou nas diretrizes internas se torna fundamental para manter um bom clima escolar e conseqüentemente reduzir os índices de “violência à escola”. (Charlot, 2002) Caso não ocorra, principalmente os alunos, agem de forma ressentida socialmente com a instituição, tornando a escola um depósito de sentimentos negativos, transformando-os em manifestações violentas e conseqüentemente não respeitando a estrutura escolar nem o que o ambiente escolar representa.

É nessa perspectiva que podemos encontrar casos de tipificações de violência que se cruzam, em sua maioria, contemplando as citações das teses que se aprofundam nos problemas científicos propostos. Na dissertação “Justiça Restaurativa como prática educativa para a redução da violência no meio escolar: uma revisão das experiências brasileiras”, por exemplo, ocorrem diversos casos de cruzamento de códigos. Deixar claro como as tipificações de violência escolar estão conectadas é fundamental para dar amplitude ao fenômeno para ampliar seu entendimento e perceber sociologicamente suas nuances;

No entanto, não obstante as agressões verbais afligirem tanto quanto uma agressão física e, potencialmente, deixarem marcas indelévels ao longo da vida, são, de certa forma, naturalizadas na escola. Não costumam receber atenção e não se educa para transformar a comunicação. Nesse sentido: A agressão entre os pares é muitas vezes considerada como parte do desenvolvimento, sendo, portanto, negligenciada. Atitudes agressivas na escola constituem-se como um problema de prevalência elevada, que compromete a aprendizagem e influencia o abandono escolar precoce, perturba as relações interpessoais e o desenvolvimento socioemocional das crianças e jovens e reduz o clima de segurança e proteção sentido por todos nas escolas (CARVALHOSA et al. apud Silva et al., 2012) Agressões verbais são tão danosas, a ponto de algumas receberem, inclusive, tipificação penal, a exemplo da ofensa à honra; ameaça; racismo, entre outros. Além disso, constantemente desencadeiam outras formas de violência, como a agressão física. (Warken, 2024, pág. 129)

Neste sentido, a agressão verbal, representada pelo processo simbólico de violência (certos casos como o racismo, a agressão verbal se torna de caráter penal) é percebida como uma porta de entrada para possíveis outros tipos de violência, como a

agressão física por exemplo. Porém, a complexidade de percepção desse processo é bastante alta, pois, como já visto no decorrer do trabalho, a própria escola enquanto instituição fornece um movimento contínuo de troca de violência simbólica com os alunos, onde por se sentirem frustrados, amplificam as manifestações de violência, tornando-a física por exemplo. A reprodução das desigualdades é o ponto chave para compreender o papel da escola e pensar estratégias de prevenção à violência simbólica e suas características. (Derbabieux, 2001)

Por fim, o último ponto de análise é compreender fundamentalmente que todos os tipos de violência utilizados como categorias de análise foram contemplados com citações dentro da revisão bibliográfica. Todos de alguma maneira foram citados como possível ato de violência que acometem o ambiente escolar seja de ordem simbólica ou penal, alguns com frequências maiores do que outros, mas todos estão presentes, seja em exemplos diretos ou explicitados como possíveis casos, sendo contemplados por todos os atores sociais que dão sentido ao ambiente escolar, sejam alunos, professores, gestão escolar, ou pessoas de fora que contemplam o entorno da escola.

Isso mostra que não existem mais limites para o grau de violência que pode ocorrer dentro das escolas, especialmente as categorias “Estupro” e “Assassinato” que são interpretados como crimes hediondos dentro do grau normal de violência urbana. Pensar neles dentro do cenário escolar e sendo caracterizados como tipificações de violência escolar, naturalizados no ambiente, é preocupante e carece de estudos científicos que possam conceber a existência desses atos como violências possíveis no cenário escolar. (Derbabieux, 2002) Realizado estes esforços, é importante o desenvolvimento de políticas públicas de prevenção social, convivência e combate à violência, com o propósito de reverter este cenário onde a escola está à mercê das violências postas por uma realidade brasileira desigual.

Considerações finais

Diante do exposto neste trabalho, é possível compreender como a violência escolar se torna um objeto sociológico e como o debate sobre este objeto se faz necessário dentro da realidade brasileira atual. Primeiro ao se falar em violência, é preciso ter dois panoramas de análise. O primeiro é a compreensão da violência como manifestação das emoções concebidas pelas diferentes experiências sociais dos indivíduos, ou seja, a partir das diferentes realidades, a violência será interpretada e manifestada de diferentes formas, embora possa ter o mesmo objetivo. A segunda é a sua tipificação a partir do cenário social analisado, porém, na violência escolar, esta barreira de espaço está sendo quebrada, e tipos de violência que antes não existiam na escola agora se fazem presentes no cotidiano.

Pelos resultados dentro da metodologia escolhida, foi possível chegar a conclusões positivas em relação ao entendimento do objeto e aos tipos de violência explicitados. Primeiro foi que hoje existe a possibilidade de todos os tipos de violência estar dentro do ambiente escolar. Os portões escolares foram abertos para todas as manifestações de violência, seja de caráter simbólico como agressão verbal ou desrespeito com as normas internas, a de caráter penal como assassinatos ou o Bullying. Vale destacar que o Bullying se mostra em evidência quando se forma a relevância científica no quantitativo de citações proposta no trabalho, seja pelos artigos ou pelas dissertações. Provando que as incivildades se fazem presentes no cotidiano da vida escolar, promovendo manifestações de violência cotidiana e tratativa, como o Racismo, que afeta diretamente a identidade dos indivíduos e acaba quebrando o chamado “clima escolar” (Derbabieux, 2001)

O terceiro ponto foi que ao reconhecer a violência nesse espaço, o entendimento das manifestações de violência de caráter simbólico prioriza uma dinâmica de resposta ao processo escolar, seja de diretrizes internas, sucateamento do espaço educacional ou falta de interação instituição/aluno. Nesta dinâmica ocorre a teorização do Bernard Charlot, utilizada com frequência neste trabalho, onde o aluno se manifesta a partir do ressentimento com a instituição em não cumprir os anseios de igualdade propostos pela sociedade, e apenas reproduzem as desigualdades já vividas nas realidades dos jovens brasileiros.

Diante do debate realizado, acredito que este trabalho deve contribuir para o entendimento da violência escolar como um objeto sociológico novo, mas que pela sua complexidade e recorrência, merece mais na academia e nos estudos das ciências sociais. Utilizando da sociologia como fator determinante de entendimento da realidade do Brasil onde a violência urbana a desigualdade social e a dúvida pelos processos educacionais só cresce. É neste cenário que a sociologia enquanto ciência se mostra de extrema relevância para conduzir o debate e propor mudanças ao fenômeno tão ruim para a sociedade que é a violência nas escolas.

Pensar a escola como aparelho reprodutor de violências é um grande desafio, pois embora os índices de violência no ambiente escolar estejam em crescente exponencial, à escola ainda representa para muitos, inclusive para este vos escreve, a porta de entrada para uma vida digna, uma realidade compreensível e o sonho de um futuro melhor. Pôr a instituição nessa interpretação é antes de tudo apontar seus erros, mas sem deixar de dizer que ao compreendê-los pode-se haver uma mudança para um cenário mais positivo. Apontar os processos dolorosos se faz necessário para a construção de saídas sólidas, estratégicas e enérgicas, visando um futuro melhor onde a violência pode ser entendida e explorada como motor de habilidades que não ponham a vida e o bem-estar das pessoas em risco. Apontar um cenário violento é apontar a desigualdade que cerca a instituição, mas que, ao entendê-la, mecanismos de prevenção podem dar a esperança dos seus atores sonharem com um futuro melhor e mais justo.

Referências Bibliográficas

Brasil registra 9 ataques em escolas neste ano e atinge patamar recorde; relembre casos.

CNN Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registra-9-ataques-em-escolas-neste-ano-e-atinge-patamar-recorde-relembre-casos/>

Acesso: 17/01/2024

Cardia, N. G. (1997). A violência urbana e a escola. Contemporaneidade e Educação, São Paulo, (2), p. 26-69.

CARDIA, Nancy (Coord). Pesquisa Nacional, por amostragem domiciliar, sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violação de direitos humanos e violência: um estudo em 11 capitais e estado. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violencia da Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em:

<http://www.nevusp.org/downloads/down264.pdf> Acesso em: 17/01/2024

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432 – 443. Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010. Editora UFPR

Da Silva de Paula, Alexandre; Kodato, Sérgio Histórias de vida e representações sociais de violência por professores de escolas públicas Temas em Psicologia, vol. 18, núm. 1, junho, 2010, pp. 177-189 Sociedade Brasileira de Psicologia Ribeirão Preto, Brasil

DERBABIEUX, Eric. A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967 – 1997). Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.1, p. 163-193, jan./jun. 2001.

Estudo revela que educação impulsiona mobilidade social no Brasil. Portal FGV, 2019.

Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/estudo-revela-educacao-impulsiona-mobilidade-social-brasil> Acesso em: 15/01/2024.

FANTE, C. Fenômeno bullying: estratégias de intervenção e prevenção da violência entre escolares. São José do Rio Preto, SP: Ativa, 2003

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. LOGEION: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, set.2019/fev. 2020

GARCIA, Garcia. Desigualdade: 63% da riqueza do Brasil está nas mãos de 1% da população, diz relatório da Oxfam. CNN Brasil, 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/desigualdade-63-da-riqueza-do-brasil-estas-nao-maos-de-1-da-populacao-diz-relatorio-da-oxfam/> Acesso: 18/01/2024

LEME, Maria Isabel da Silva. A gestão da violência escolar. *Rev. Diálogo Educ.* [online]. 2009, vol.09, n.28, pp.541-555. ISSN 1981-416X

MAFFESOLI, Michel. A dinâmica da violência. Tradução de Cristina M. V. França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.

MARTUCCELLI, D.; BARRERE, A. A escola entre a agonia moral e a renovação ética. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 22, n. 76, p. 258-277, 2001.

MATTOS, Laura. Brasil tem mais de um ataque por mês em escolas desde agosto. *Folha.Uol*, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/03/brasil-tem-mais-de-um-ataque-por-mes-em-escolas-desde-agosto.shtml> Acesso em: 16/01/2024.

Nova lei torna hediondo o crime de sequestro de crianças; bullying e cyberbullying passam a ser crime. Câmara. Leg, 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1031923-nova-lei-torna-hediondo-o-crime-de-sequestro-de-criancas-bullying-e-cyberbullying-passam-a-ser-crime#:~:text=Direitos%20Humanos-.Nova%20lei%20torna%20hediondo%20o%20crime%20de%20sequestro%20de%20crian%C3%A7as,cyberbullying%20passam%20a%20ser%20crime&text=O%20presidente%20Luiz%20In%C3%A1cio%20Lula,praticados%20contra%20crian%C3%A7a%20ou%20adolescente.> Acesso em: 20/01/2024

OLIVEIRA, Eliane dos Santos Macedo. Violência na escola: reflexões a partir de Michel Maffesoli. Reunião Científica Regional da ANPED, Curitiba – Paraná, 2016.

Proerd, ação de prevenção às drogas em escolas, é ineficaz, diz estudo. SBT News, 2021. Disponível em: <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/brasil/188406-proerd-acao-de-prevencao-as-drogas-em-escolas-e-ineficaz-diz-estudo> Acesso: 19/01/2024.

RODRIGUES, Léo. Violência nas escolas tem aumento de 50% em 2023. Agência Brasil, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-11/violencia-nas-escolas-tem-aumento-de-50-em->

[2023#:~:text=As%20den%C3%Bancias%20de%20casos%20envolvendo,e%20da%20Cidadania%20\(MDHC\). Acesso: 15/01/2024](#)

SILVA, Carla Elizabeth da; OLIVEIRA, Ricardo Vigolo de; BANDEIRA, Denise Ruschel; Souza, Diogo Onofre de. Violência entre pares: um estudo de caso em uma escola pública de Esteio/RS. *Psicol. Esc. Educ.* 16 (1) • Jun 2012

SILVA, Livia Sousa da; ALVES, Laura Maria Silva Araújo. A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA PAUTA DOS GRUPOS DE PESQUISA: REFLETINDO SOBRE AS PRODUÇÕES E A SOCIALIZAÇÃO DESSE CONHECIMENTO. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 779-796, dez. 2011. ISSN 1809-0354.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e; SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, Curitiba, SPOSITO, M. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 27, n. 1, 87-103, 2001

Warken, Giovana Caixeta. *Justiça restaurativa como prática educativa para a redução da violência em meio escolar: uma revisão das experiências brasileiras* / Giovana Caixeta Warken – Uberlândia (MG), 2022.